

INTRODUÇÃO

# INTRODUÇÃO:

## O jornalismo como espaço de observação do mundo

Copyright © 2017  
SBPJor / Associação  
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

CLÁUDIA LAGO E MONICA MARTINEZ

O 14º Encontro da SBPJor, realizado em 2016, em Palhoça, na Universidade do Sul de Santa Catarina teve como tema central **“A pesquisa em jornalismo como espaço de observação do mundo: silêncios, censuras e potências”**, escolhido por indicação dos(as) associados(as) da entidade. O objetivo expresso foi incentivar a discussão e divulgação de pesquisas que abordassem a relação entre o jornalismo e a diversidade social, a censura (ou autocensura) e as limitações impostas e enfrentadas dentro das corporações jornalísticas e também pelo(a) próprio(a) jornalista enquanto pessoa implicada em uma sociedade marcada pela exclusão e pela desigualdade. Desta forma, foram chamados trabalhos que tratassem da representação do Outro no discurso e nas práticas jornalísticas, bem como sobre as dificuldades e desafios colocados para o exercício da construção de sentidos sobre o mundo, que é do *métier* do jornalismo. Ao mesmo tempo, foram incentivados trabalhos que indicassem e problematizassem novas práticas comunicacionais, que desafiassem o modelo tradicional, o *mainstream*, colocando em jogo outras narrativas e novos atores sociais.

O tema foi estratégico, pois vivíamos e ainda vivemos uma crise política e social de amplas proporções, não apenas no Brasil, identificada com a falta de diálogo e tolerância dos agentes envolvidos e por uma atuação das principais corporações jornalísticas na defesa de pontos de vista específicos – muito pouco propensos a incorporar ideários distintos daqueles devotados a reafirmar o *status*

*quo* e políticas de inclusão. Nesse sentido, abrir espaços para expor pesquisas que tensionem como o jornalismo tem representado e afirmado concepções de verdade sobre o que é diverso da norma, o Outro que povoa nossos textos, é fundamental, necessário e urgente. Em um mundo complexo que enfrenta dificuldades e desafios em todos os níveis – pessoal, das comunidades, das sociedades e do planeta como um todo –, é vital espaços abertos para o exercício amplo e plural da construção de sentidos sobre o mundo, como propôs o 14º Encontro da SBPJor.

E, apesar da Alteridade ter se mostrado pouco explorada em nossas pesquisas, como trabalhos anteriores de prospecção em nossas bases de dados apontam, esta se fez presente no encontro, a ponto de suscitar a oportunidade de um número especial da **BJR** devotado à temática e aos trabalhos apresentados. Para ampliar a discussão proposta e torná-la ainda mais visível, este número da **BJR** traz o Dossiê com a temática do 14º SBPJor, aberto para contribuições debatidas naquele momento, mas não só. Como explícito na chamada para a edição, buscavam-se trabalhos que incorporassem análises (de conteúdo, discurso, semiológicas, narrativas) sobre como a mídia constrói e reforça sentidos hegemônicos sobre atores e grupos socialmente marginalizados ou, pelo contrário, como o jornalismo pode atuar como instância de transformação dessas representações. Também se incentivou trabalhos que discutissem as representações do Outro na prática jornalística e no cotidiano de produção da notícia, incluindo estudos sobre os quadros cognitivos dos jornalistas, situações de censura ou autocensura, os constrangimentos organizacionais, bem como análises relacionados à economia política da mídia (e do jornalismo) que discutissem o papel dos posicionamentos ideológicos das corporações jornalísticas na defesa de pontos de vista específicos sobre o Outro.

A diversidade dos artigos aqui publicados espelha a complexidade da discussão sobre o tema, que tem na Alteridade seu ponto nodal. Por isso, o Dossiê inicia com o texto de Camila Freitas e Marcia Benetti, “Alteridade, Outridade e Jornalismo: do fenômeno à narração do modo de existência”, em que as autoras buscam discutir a alteridade no jornalismo a partir de uma perspectiva teórica fundada na fenomenologia. Freitas e Benetti partem do pressuposto de que o jornalismo é um *locus* importante na construção do que sabemos sobre semelhança e diferença entre as pessoas. Mais ainda, afirmam que dar a conhecer a diversidade social é uma função do

jornalismo. Para pensar sobre isso, trazem o conceito de *outridade*, ou seja, o Outro em sua completa singularidade, atrelando-a a ações que envolvam empatia, simpatia e compaixão. Trata-se de pensar a necessidade do jornalista perceber e poder narrar o encontro entre o “eu” e o “outro” a partir de uma complexidade inerente a este encontro, que deve ser expressa na e pela narrativa jornalística.

O segundo texto do Dossiê, “O papel do jornalista na representação do outro migrante: as interferências pessoais na seleção das notícias”, de Elaine Javorski e Liliane Brignol, apresenta pesquisa empírica calcada na análise de conteúdo em telejornais matutinos, seguida por entrevistas e grupos focais com jornalistas paranaenses para perceber, a partir da teoria do *gatekeeping*, o que interfere junto aos(às) jornalistas quando selecionam as notícias. A pesquisa sugere uma dependência bastante acentuada das fontes burocráticas ao mesmo tempo em que, mais uma vez, aponta para o distanciamento entre jornalistas e as minorias e como isso define a forma como essas são retratadas no cotidiano das redações.

O terceiro artigo do Dossiê, “A produção de sentidos sobre a crise política brasileira no programa *Profissão Repórter*”, de Kalliandra Quevedo Conrad, Natália Martins Flores e Maria Ivete Trevisan Fossá, aprofunda a compreensão de que o jornalismo mostra ocultando, silenciando. Tendo como escopo programa produzido dentro da série *Profissão Repórter*, busca entender a produção de sentido sobre a crise política brasileira, usando a análise de discurso francesa. Identificando os vários sujeitos construídos pela reportagem em questão, “petista” “trabalhador” e “manifestante” o texto não apenas destrincha como estes sujeitos são representados e colocados em antagonismos, mas também mostra como aspectos colados à crise são silenciados pela reportagem, naturalizando uma visão pouco complexa da crise que a reportagem propõe evidenciar.

O texto seguinte, de Marta Regina Maia, Rafael Drumond e Caio Rodrigues Aniceto, “Prática Metacrítica: a configuração de novas narrativas jornalísticas”, envereda por um outro caminho, ao voltar seu olhar para modelos alternativos de financiamento do jornalismo, que têm a potencialidade de colocar em circulação narrativas voltadas para dar voz a sujeitos tradicionalmente silenciados. Ou seja, a pensar novas potencialidades dentro do campo. Dessa forma, avança na discussão da crítica de mídia, mas pensando-a a partir da ideia de uma metacrítica, estudando o caso do projeto Ponte: Direitos humanos, justiça e segurança pública.

O Dossiê fecha com o texto de Rogério Christofolletti, “Privacidade como dimensão problemática da Alteridade”, que também enfrenta a proposta a partir de uma dimensão mais teórica. O autor reforça o jornalismo como espaço de efetivação pela Alteridade, na medida em que é a relação com o Outro que permite ao(à) jornalista acessar o mundo, bem como é para um Outro que direciona seu trabalho. Aborda essa relação a partir da ideia dos regimes de publicidade e privacidade, verificando como esta relação aparece em dicionários da área, para constatar que o tema, apesar de sua importância, ainda não recebe um tratamento adequado, apontando para esta ausência como uma potencialidade a ser realizada.

Ao finalizarmos o Dossiê, temos a certeza de que ele não dá conta de toda a complexidade da relação do jornalismo como espaço de observação do mundo. Mas tem o mérito de apontar para recorrências nos silenciamentos operados pelos produtos desse campo e de ampliar nossa compreensão sobre o jornalismo enquanto espaço para as narrativas que são tecidas na dialética situação de mostrar/ocultar. Ao falar dos ocultamentos o Dossiê assume essa postura dialética, apontando as potencialidades para um jornalismo comprometido com a Alteridade, com a construção empática do Outro. Um jornalismo em falta e, paradoxalmente, cada vez mais necessário.

Boa leitura!